

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTES E CULTURA
DEPARTAMENTO DE ARTES

ELVIS CHRISTIAN DE ASSIS DAMASCENO

O JOGO TEATRAL DENTRO DA ESCOLA PÚBLICA E O PROFESSOR JOGADOR:
PERSPECTIVAS PARA A PRÁTICA DOCENTE

Ouro Preto-MG
2021

ELVIS CHRISTIAN DE ASSIS DAMASCENO

O JOGO TEATRAL DENTRO DA ESCOLA PÚBLICA E O PROFESSOR JOGADOR:
PERSPECTIVAS PARA A PRÁTICA DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Artes Cênicas
da Universidade Federal de Ouro Preto
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciado em Artes Cênicas.

Orientador Prof. Me.: Paulo Maffei

Ouro Preto – MG

2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

D155o Damasceno, Elvis Christian de Assis.

O jogo teatral dentro da escola pública e o professor jogador
perspectivas para a prática docente [manuscrito]: professor jogador. /
Elvis Christian de Assis Damasceno. Elvis Damasceno. - 2022.
27 f.

Orientador: Prof. Me. Paulo Maffei.

Produção Científica (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro
Preto. Instituto de Filosofia, Artes e Cultura. Graduação em Artes Cênicas

1. Professor. 2. Educação básica. 3. Prática docente. 4. Boal,
Augusto, 1931-2009. I. Damasceno, Elvis. II. Maffei, Paulo. III.
Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 792

Bibliotecário(a) Responsável: Luciana De Oliveira - SIAPE: 1.937.800



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURA
DEPARTAMENTO DE ARTES



FOLHA DE APROVAÇÃO

Elvis Christian De Assis Damasceno

O jogo teatral dentro da escola pública e o professor jogador: perspectivas para a prática docente

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado

Aprovada em 10 de janeiro de 2022

Membros da banca

[Mestre] - Paulo Ricardo Maffei de Araújo - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
[Doutor] - Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi - (Universidade Federal de Ouro Preto)
[Doutor] - Ernesto Gomes Valença - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Paulo Ricardo Maffei de Araújo, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 30/01/2022



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi, COORDENADOR(A) DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS**, em 07/02/2026, às 00:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1055265** e o código CRC **80A5BA43**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e nosso mestre Jesus, Pai seta branca e Mãe Yara, a todos os abnegados mentores dos planos espirituais por nos dar força para enfrentamos todas às batalhas. Aos meus pais Mirtes Damasceno e Waldir Damasceno que mesmo em condições árduas cumpriram suas missões nesta terra de provas e expiações buscando sempre o bem-estar dos filhos: Christiane, Vanda, Lídia, Ewerton e eu. Agradeço também a minha avó Maria Teodora que neste ano completa 84 anos de vida: negra, artista e sonhadora que me motivou no caminho da Arte. Aos meus Professores das Escolas: Joaquim Antônio da Rocha, Geraldina Soares, Caminho a Luz, FUNEC e das Universidades UFMG e UFOP, anjos que me mostraram que apesar de todas as tempestades e tempos sombrios, existe a luz de um novo dia e por último, mas não mesmo importante, toda minha família e amigos que nos momentos de dificuldade se tornaram refúgio seguro e fonte de inspiração.

RESUMO

O presente artigo visa analisar as potencialidades dos Jogos Teatrais no espaço educacional ensino regular de educação básica em espaço público, de modo a desenvolver a capacidade dos alunos para compreensão dos contextos culturais, políticos, sociais e econômicos. Neste sentido serão apresentadas reflexões acerca da prática docente realizada no contexto da disciplina “ART394 - Estágio Supervisionado: Planejamento e Regência I”, na qual foram trabalhados os Jogos Teatrais, a partir da proposta de Augusto Boal, dentro de uma Escola pública na periferia da Cidade de Contagem – MG. Essas reflexões visam apontar a importância do Ofício do Professor, da potencialidade dos jogos teatrais dentro espaço escolar desdobrando numa reflexão correlata, qual seja, a perspectiva de um “Professor Jogador”.

Palavras-Chave: Professor. Jogos teatrais. Escola Pública. Professor Jogador.

O QUE É SER PROFESSOR?

Para dar início a este artigo, que pretende refletir sobre os Jogos Teatrais dentro da escola pública e a figura do Professor como um Jogador, gostaria de em um primeiro momento falar sobre minha visão sobre o ofício do Professor. Início desta forma, pois este ofício tem estado presente em minha história de vida desde antes da graduação, e nesse sentido, consigo lançar um novo olhar sobre ser Professor após a minha formação acadêmica, na mesma medida que consigo reconhecer a importância da minha formação e prática artística e docente antes da Universidade.

Como o meu foco aqui está direcionado para o espaço da Escola Pública me parece importante levantar algumas considerações sobre este espaço e suas reverberações na vida escolar. Nesse sentido, podemos perceber que é muito recorrente a falta de recursos financeiros e de infraestrutura nas instituições de ensino públicas, que podem ser medidos desde os baixos salários e a falta de reconhecimento dos Professores até mesmo na falta de materiais pedagógicos, didáticos e etc. o que gera um impacto de grande proporção na educação de alunos das redes de ensino fundamental, médio e superior, cada um à sua medida.

Contudo, podemos observar que os mais prejudicados são àqueles pertencentes à população em situação de vulnerabilidade socioeconômica, pois sem terem condições de pagar uma educação particular, o que por si só não garantiria qualidade, e sem acesso a atividades complementares a sua educação, esta parte da população fica a margem no que diz respeito ao desenvolvimento da reflexão e do pensamento crítico, uma vez que de um modo geral esta população sofre com o desrespeito dos seus direitos por não terem uma educação de qualidade o que se torna mais agravante quando vemos que as escolas públicas, na maioria das vezes, direcionam estes alunos para uma educação mecanicista o que afasta o sujeito da emancipação, seja ela no âmbito de sua família ou da comunidade onde vive. A respeito do ensino público Marília Fonseca afirma que:

É possível concluir que, durante as últimas décadas, a qualidade educacional oscilou em meio a múltiplas influências. Os planos incorporaram, com mais ou menos intensidade, o substrato econômico que sustentou os diferentes projetos nacionais de desenvolvimento. A

mobilização dos educadores representou um espaço para a construção de propostas mais autônomas e socialmente mais relevantes para a educação brasileira. Essa ambivalência expressou-se nos enunciados humanistas dos planos e do corpus legislativo, ressaltando a igualdade de oportunidades para todos, a gestão democrática do sistema e o compromisso ético com a qualidade educacional, conforme requeriam os educadores. Na prática, a ação educativa deu ênfase a programas e projetos orientados pela lógica do campo econômico, dirigindo a ação escolar para as atividades instrumentais do fazer pedagógico e para a administração de meios ou insumos. A qualidade, por sua vez, foi sendo legitimada pelo horizonte restrito da competitividade, cuja medida é a boa colocação no ranking das avaliações externas. (FONSECA, 2009 p.172)

Deste modo observamos uma política de ensino que, majoritariamente, enfatiza uma perspectiva pedagógica enrijecida, que coloca maior importância no fazer mecânico, alinhadas com as perspectivas da “educação bancária” como bem pontuou/criticou Paulo Freire:

Esta concepção “bancária” implica, além dos interesses já referidos, em outros aspectos que envolvem sua falsa visão dos homens. Aspectos ora explicitado, ora não, em sua prática. Sugere uma dicotomia inexistente homens-mundo. Homens simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros. Homens espectadores e não recriadores do mundo. Concebe a sua consciência como algo especializado neles e não aos homens como “corpos conscientes”. (FREIRE, 1996, p. 41).

Nesta direção, os sujeitos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem, são educados de modo a perderem a capacidade do pensamento crítico.

Complementando esta discussão temos as elucidações da Prof. Dra. Maria Judith Sucupira da Costa Lins que escreve em seu artigo:

Como diz Paiva (1980, p.139) “Não devemos subestimar o efeito do seu livro *Pedagogia do Oprimido*”, pelo contrário, apresentamos esta reflexão exatamente pela enorme repercussão atingida pela obra e especialmente pelo conceito.

Tratar-se-ia de uma atitude autoritária e opressiva sobre alunos que se encontrariam passivos e apenas receptivos dos conteúdos e informações que o professor neles depositaria. Este modelo tende a apresentar o professor como alguém que exerce um papel arbitrário sobre o grupo de alunos, os quais estão inteiramente inertes. Desta forma, a prática de se ensinar conteúdos e informar os alunos para que a aprendizagem seja realizada vem sendo entendida como uma atitude tirânica e opressora que deve ser banida das escolas.

(Educação bancária: uma questão filosófica de aprendizagem: Costa Lins p2)

Diante deste cenário, ao meu ver, o Professor é uma personagem de extrema importância dentro do contexto escolar, mas na mesma medida é possível se diagnosticar que este tem sido utilizado como uma simples engrenagem na educação pública, e por várias vezes tem assistido a diversas negligências por parte do estado no que diz respeito ao exercício do seu trabalho de educador, sendo obrigado a enfrentar também o desrespeito, baixos salários e falta de recursos da própria escola para comprar materiais básicos para as atividades educacionais como folha ofício, carteiras, cadeiras ou espaços apropriados sem goteiras na época de chuva para dar aula, por exemplo.

Mesmo assim, diante de tanta adversidade, inúmeros Professores se reinventam e fazem milagres no exercício de sua função contrariando a situação que lhes é apresentada no cenário educacional, inspirando e motivando os alunos a exercerem a plena cidadania e a criticidade, bem como outras perspectivas sobre a vida e o mundo para terem liberdade na escolha consciente das suas profissões.

Sempre vi em meus Professores algo que me inspirava e motivava a aprender coisas novas e a questionar o mundo e suas regras sociais, culturais e suas divisões em classes sociais. De certa forma, eles me incentivaram a perguntar: O porquê de haver tanta desigualdade entre as pessoas? Como no mesmo planeta, pode existir vários mundos? Como podemos viver cada um fechado em sua realidade, em mundos diferentes uns dos outros?

Foram estes questionamentos que fizeram nascer em mim o desejo de auxiliar as outras pessoas a questionar as situações impostas pelas condições socioeconômica e étnicas onde estão inseridas e que sistematicamente fora desenhado em mim. Neste contexto reflexivo, percebi que o um dos ofícios dotados de um poder transformador da consciência humana, era o Professor.

Após ter participado de alguns cursos no campo das Artes Cênicas, me senti motivado a trabalhar a Arte aliada a projetos sociais. Nesse sentido, desde 2000, trabalho com arte/educação ministrando cursos de teatro e circo em várias instituições das cidades de Contagem e Belo Horizonte – MG. Ao longo desta trajetória busquei aprimorar os meus conhecimentos e minha percepção/reflexão acerca das Artes em geral, bem como conhecer a realidade dos equipamentos públicos de Contagem.

Mesmo com estas diversas experiências e formações, senti a necessidade de buscar um curso de graduação que possibilitasse uma maior compreensão dos

movimentos artísticos onde estava inserido, bem como estreitar as minhas perspectivas artístico/pedagógicas. Tive a oportunidade de me matricular no curso de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto, através do Sistema de Seleção Unificada (SISU), do Governo Federal no ano de 2016. A entrada na Universidade foi um deslumbramento, pois me deparei com um universo completamente diferente do qual eu estava inserido e que apresentava várias oportunidades, regras e possibilidades.

Creio que adentrar no ambiente acadêmico foi muito importante e, ao mesmo tempo, nada fácil, pois me sentia muito deslocado neste contexto. Tudo era diferente dos cursos que havia frequentado e da forma que havia trabalhado a Arte até então, de modo que tive que aprender e me adaptar a estas novas regras. Este choque de realidade me fez levantar a seguinte pergunta: Porque eu não havia tido acesso a este espaço antes? Pois sempre pensei em fazer um curso superior, mas me via sempre distante desta realidade, justamente por enxergar na Universidade, pública em especial, um lugar para poucos privilegiados. Como se aquele espaço educacional não me pertencesse e fosse algo além do mundo em que eu vivia.

Deste modo minha adaptação à Universidade tornou-se um processo lento e difícil, mas necessário. Sentia-me deslocado e perdido, e acredito que isto seja o resultado de uma massificação cultural e de não pertencimento, que começa na infância, com ideologias de resignação e passividade impostas pelo sistema e mesmo que tenhamos oportunidade de melhorar nossas vidas, experimentar coisas ou situações benéficas ou de prestígio, não nos sentimos capazes ou merecedores daquilo que nos acontece. Sentimo-nos constrangidos em ocupar tal posição social ou de sermos detentores de tais bens e saberes.

Então comecei a compreender onde estava inserido e o significado de ser aluno de uma Universidade Federal fazendo parte de uma pequena porcentagem da população. Como aluno de Licenciatura em Artes Cênicas, precisei reelaborar os meus conceitos adquiridos e vividos até a Universidade. Esses diversos sentimentos, percepções e processos foram fundamentais para minha formação, bem como para a compreensão do eu Artista e Professor.

Nesse sentido, penso que muitos Professores, em determinado momento de suas vidas, vivenciaram algum acontecimento que os fizeram se apaixonar pela docência, revelando para estes o quanto a educação pode criar zonas de libertação de crenças manipuladoras e opressoras. E foi isto o que me aconteceu!

Em certos momentos, alguns Professores foram além das disciplinas que ministravam e me ensinaram o valor da educação com muita humildade, compreensão e desenvoltura e me inspiraram a buscar o ofício de Professor de Artes, que hoje me sinto honrado em exercer.

Confesso que hoje me sinto mais observador e atento, seletivo em minhas falas dentro da sala de aula, por saber a importância das minhas palavras, que poderão ser levadas pelos alunos para o resto de suas vidas e que estas mesmas palavras poderão incentivar atitudes benéficas ou não. Dessa forma, a sala de aula se torna um lugar em movimento, onde o conhecimento não se encerra nos conteúdos e exige de nós, Professores, um estado de atenção e prontidão para lidar com as “circunstâncias dadas”.

Sinto que mudei a minha compreensão e perspectiva a respeito da pedagogia na área da educação através das experiências nas disciplinas “ART397 - Estágio Supervisionado: Observação”, “ART394 - Estágio Supervisionado: Planejamento e Regência I” e “ART395 - Estágio Supervisionado: Planejamento E Regência II”, bem como das orientações dos Professores da UFOP e as supervisões dos Professores das Escolas públicas e privadas nas quais realizei os estágios. Estes diversos Professores em vários momentos me auxiliaram e me conduziram nas minhas práticas pedagógicas, o que me ajudou a perceber que todos estes anos das minhas vivências seja no lugar de aluno ou de Professor somavam-se ao aprendizado no curso de Licenciatura em Artes Cênicas da UFOP, e ao meu propósito como educador.

Se começo este artigo com uma pergunta, o faço como uma forma de provocar pensamentos, pois não há apenas uma resposta para tal pergunta. Contudo pretendo defender nas próximas páginas que o Professor é – ou deveria ser – um Jogador.

O ESPAÇO DA ESCOLA COMO UM ESPAÇO SOCIOCULTURAL

Diante do até aqui exposto, pretendo discutir neste artigo as práticas pedagógicas desenvolvidas na disciplina “ART394 - Estágio Supervisionado: Planejamento e Regência I”, na qual trabalhei com os Jogos Teatrais dentro do espaço escolar público com alunos dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, 1º e 2º

anos do Ensino médio da Escola Estadual Boa Vista, de Contagem – MG. Por julgar importante localizar o contexto da Escola Estadual Boa Vista, vou tentar situar o leitor sobre a realidade desta região na qual a Escola está inserida, bem como explicitar a minha relação com este local.

Desde os três anos de idade, sou Morador da Regional Ressaca, na cidade de Contagem – MG, onde havia uma antiga Lagoa que secou. Em épocas de chuvas intensas ocorrem enchentes que assolam os moradores devido à falta de infraestrutura, daí o nome Ressaca. O bairro Presidente Kennedy, onde está localizada a E.E. Boa Vista fica situado nesta regional.

Por se tratar de uma regional constituída por bairros de periferia, as pessoas que neles residem não possuem acesso as manifestações artísticas e culturais que contribuem para uma educação cidadã, ficando à mercê de alguns projetos sociais desenvolvidos por agentes culturais regionais e implementados em épocas oportunas.

Assim, fica evidenciada a falta de investimentos na educação e cultura, a falta de projetos do setor público que propiciem a interação entre as pessoas da comunidade e estimulem nas crianças e nos adolescentes o gosto pela cultura e Arte. Devido a esta carência, as escolas se tornam locais propícios para esta socialização como bem pontua Juarez Dayrell:

Os alunos, porém, se apropriam dos espaços, que a rigor não lhes pertencem, recriando neles novos sentidos e suas próprias formas de sociabilidade. Assim, as mesas do pátio se tornam arquibancadas, pontos privilegiados de observação do movimento. O pátio se torna lugar de encontro, de relacionamentos. O corredor, pensado para locomoção, é também utilizado para encontros, onde muitas vezes os alunos colocam cadeiras, em torno da porta. O corredor do fundo se torna o local da transgressão, onde ficam escondidos aqueles que "matam" aulas. O pátio do meio é ressignificado como local do namoro. É a própria força transformadora do uso efetivo sobre a imposição restritiva dos regulamentos. Fica evidente que essa ressignificação do espaço, levada a efeito pelos alunos, expressa sua compreensão da escola e das relações, com ênfase na valorização da dimensão do encontro. (DAYRELL, 2001, p. 13)

Esta citação aponta o espaço escolar como um lugar de convívio e trocas, mas também um lugar potente para ressignificações, bem como para promover debates e fomentar a arte e cultura.

Indo de encontro com a escrita de Dayrell, pensar a “escola como um espaço sociocultural” é pensar que nela são desdobradas as práticas socioculturais de certa

comunidade e também um modo de promover intervenções nos modos de pensar e agir.

Foi por reconhecer nesta região a ausência de espaços culturais, projetos educacionais públicos e agentes culturais que trabalhem com as crianças e os jovens da comunidade, que me senti motivado a realizar parte dos meus estágios¹ na Escola Estadual Boa Vista. No primeiro momento realizei a observação da dinâmica Escolar e no segundo momento foi realizada a intervenção pedagógica na sala de aula, como estagiário.

Deste modo minha pretensão era apresentar outras formas e possibilidades de pensar e refletir a partir dos Jogos Teatrais. Na minha visão era uma forma, ainda que pequena, de contribuir e reforçar o meu pertencimento a esta região.

INICIAÇÃO AO JOGO TEATRAL

Dentre as minhas primeiras experiências artísticas participei como aluno de um curso de “Iniciação a Palhaçaria”, no ano 2000, em um projeto chamado “julho Cultural” com o artista circense Cicero Silva (Palhaço Titetê).

Neste curso foram desenvolvidos Jogos e brincadeiras que visavam a experimentação da Arte Circense entre os participantes. Desde então passei a usar o que aprendi neste curso para trabalhar como animador de festas infantis desenvolvendo um trabalho com Jogos e brincadeiras tradicionais. Nesta época ainda não enxergava com clareza a potencialidade dos Jogos e apenas os usava como uma ferramenta para entreter as crianças nos eventos.

Chamava-me atenção o modo como as crianças e aprendizes se envolvia com os Jogos que eram propostos e como estes abriam novas possibilidades de percepção para espaço, para o outro e etc., contudo foi somente com minha entrada no curso de graduação em Licenciatura em Artes Cênicas que consegui compreender com mais seriedade a eficácia dos Jogos, em especial dos Jogos Teatrais.

¹ Embora neste artigo seja colocado o foco sobre a prática docente realizado na disciplina “ART394 - Estágio Supervisionado: Planejamento e Regência I”, me parece importante pontuar que realizei parte de meu estágio realizado na disciplina “ART397 - Estágio Supervisionado: Observação”, também na Escola Estadual Boa Vista.

Já no primeiro ano da graduação na UFOP, nas disciplinas “ART 501 Jogos Teatrais I” e “ART 502 Jogos Teatrais II”, tive a oportunidade de conhecer elaborações mais complexas dos Jogos Teatrais e ampliar o entendimento da sua função pedagógica e sua importância para o desenvolvimento das crianças, adolescentes, atores e não atores.

No segundo semestre de 2017 realizei uma mobilidade acadêmica com a duração de dois semestres no curso de graduação em Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nesta mobilidade tive a oportunidade de aprofundar os conhecimentos sobre os Jogos Teatrais, adentrando com maior ênfase nas técnicas do Teatro do Oprimido, do teatrólogo Augusto Boal, através da disciplina “Ftc178: Tópicos em Teatro G: Seminário LECA (Laboratório de Experimentação e Criação em Artes Cênicas)”, de Teatro do Oprimido 2018, ministrada pela Professora Dra. Rita Gusmão. Nesta disciplina tive a oportunidade de conhecer Julian Boal, escritor, especialista em Teatro e filho do criador do Teatro do Oprimido, que me instigou a curiosidade através do seu discurso de um Teatro para todos e como ferramenta para que os não atores pudessem usá-lo em suas vidas, compreendendo e problematizando situações do cotidiano da população oprimida em geral.

[...] não aos “atores sagrados”, preparados desde crianças para o seu sacerdócio, mas SIM às técnicas que ajudam qualquer pessoa a utilizar o teatro como meio válido de comunicação. Na América Latina, o ator que se especializa é utilizado pela burguesia; profissionalmente, vive do que a burguesia lhe paga no teatro, no cinema ou na televisão. NÃO ao ator profissional, especializado, e sim à arte de representar como manifestação possível para todos os homens (não existem “atletas”: todos os homens são atléticos e há que desenvolver as potencialidades de todos, e não só de alguns eleitos que se especializam, enquanto os outros ficam relegados a simples espectadores).
(BOAL, 1982 p.17)

Por muito tempo pensei na simplicidade e potência das técnicas de Augusto Boal e na eficácia artístico/pedagógica que tais técnicas e Jogos podem proporcionar aos sujeitos envolvidos numa relação de ensino/aprendizagem.

Retornando para Universidade Federal de Ouro Preto, no segundo semestre de 2018, quando estava matriculado na disciplina “ART394 - Estágio Supervisionado: Planejamento e Regência I”, com o Professor Dr. Ernesto Gomes Valença, me pareceu propício, pensar a prática docente voltada para os Jogos

teatrais, pois vi no trabalho de Augusto Boal uma forma para a comunicação que eu queria desenvolver em meu estágio.

O JOGO TEATRAL COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA

Decidi tomar como base para meu Trabalho de Conclusão de Curso o meu estágio de regência I, por enxergar nas práticas teatrais desenvolvidas neste estágio um aprendizado bem como um amadurecimento do eu Professor e da minha relação com a rede pública de ensino. Fazendo uso dos Jogos teatrais de Boal, pude perceber uma horizontalização entre o eu Professor Jogador e os alunos Jogadores. Estas técnicas do Teatro do Oprimido são ferramentas valiosas para o trabalho dentro e fora da sala de aula, pois são atividades voltadas ao ser humano, fazendo com que este questione o espaço social em que vive, motivando as buscas de novas respostas para velhas perguntas.

Uma vez contextualizado o espaço escolar e também a proposta pedagógica baseada nos Jogos Teatrais de Augusto Boal, apresento alguns acontecimentos em sala que possibilitam demonstrar a importância do Jogo Teatral dentro da Escola.

Conforme já pontuado, estagiei na Escola Estadual Boa vista, na qual pude contar com a supervisão do Professor JOÃO², regente de aulas designado para a disciplina Artes, que já trabalhava com as diretrizes do Plano Nacional de Educação (PNE) do Ministério da Educação.

Em reunião com o Professor JOÃO, perguntei sobre a possibilidade de se trabalhar com Jogos Teatrais em sala de aula, pois desenvolver os Jogos poderia ser uma ferramenta que iria motivar a curiosidade e o desejo dos alunos para o apreender artístico tornando o aprendizado mais dinâmico e eficiente. Neste momento o Professor JOÃO me alertou que teríamos que alinhar a proposta dos Jogos Teatrais com as recomendações de ensino e aprendizagem das Artes do projeto pedagógico alinhado com PNE. Sugeri trabalharmos com os Jogos Teatrais do livro de Augusto Boal, “200 Exercícios e Jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro” (1982), supondo que estes Jogos poderiam facilitar a minha aproximação com os alunos e buscar relações com comunidade em

² Estou utilizando um nome fictício para preservar a identidade do Professor.

que viviam, mas também por perceber que este livro continha Jogos e exercícios que se comunicavam com o plano de ensino elaborado pelo Professor JOÃO.

Obtive a permissão do Professor para trabalhar com os Jogos Teatrais. Por se tratar de algo novo para os alunos e também para realizar as adequações ao PNE, o Professor orientou que fosse trabalhado um pouco do convencional (aula teórica explicativa), fazendo a integração gradual dos Jogos teatrais. Então foi elaborado um plano das aulas onde trabalharíamos também outros exercícios voltados para uma comunicação como o conteúdo do PNE.

O PRIMEIRO DIA

No primeiro dia do estágio chegamos na sala de aula às 07:00 horas. Já me preparando para o imprevisto. Lembro-me de começar com o espírito de Jogador, aquele em que estamos receptivos a tudo a nossa volta, quando aproveitamos os estímulos e Jogamos como iguais.

Eu estava muito inseguro e pensativo na possibilidade de que os alunos não participassem e o que poderia ser feito caso essa situação se apresentasse. Com estes sentimentos fui para a sala de aula. Logo quando entrei, senti todos os olhos se voltarem para minha direção, como se algo diferente do cotidiano estivesse prestes a acontecer naquele local.

Fui apresentado pelo Professor JOÃO, mas o silêncio era pleno na sala de aula. Foram segundos que me pareceram uma eternidade. Apresentei-me e falei um pouco sobre o motivo da minha presença, mas não houve nenhuma interação por parte dos alunos e ao mesmo tempo percebi que havia uma aparente curiosidade, mas a timidez era soberana devido a minha presença que causava estranhamento naquele ambiente.

Apesar de ter um plano de aula e um Professor supervisor ao meu lado, os alunos não estavam respondendo como o esperado. Estavam apáticos diante dos estímulos propostos. Entrei em um misto de sentimentos de ansiedade e desespero. Então fiquei pensando que, se com a primeira turma já era assim, o que aconteceria nas outras? Será que não tinha feito meus estudos corretamente e estava despreparado para aquela situação em que me encontrava naquele momento?

Respirei profundamente três vezes, a tensão era tanta que não tive a preocupação da ação respiratória ser percebida pelos alunos, o que poderia demonstrar insegurança. Me lembrei que como gosto muito de doces, sempre os levo comigo. Neste dia estava com algumas balas de chocolate e apesar de saber das regras da escola onde são proibidas as brincadeiras com prendas, fiz destas balas a ferramenta que trouxe a motivação aos alunos para o Jogo e fui improvisando no repente da emoção. Combinei com alunos um Jogo de perguntas e respostas em que a cada pergunta realizada, o referido aluno ganharia uma bala.

Começaram as perguntas, neste momento me fiz solícito a responder todas elas. Muitas destas perguntas eram de uma ingenuidade tão grande que se tornou prazeroso em respondê-las. A cada pergunta que me faziam eu também fazia as minhas perguntas para aqueles alunos Jogadores. Acabei repetindo a brincadeira em todas as turmas.

Algumas das perguntas que considerei mais importantes foram:

Você já está formando?

Como é estar na faculdade?

Você não trabalha?

Quanto você paga na faculdade?

O que é bolsa?

Por que você escolheu o curso de artes cênicas?

JOGAR POR JOGAR, OU, O PRAZER DE JOGAR

Já no terceiro dia de estágio, as balas se tornaram uma doce lembrança de um improviso em um momento de ansiedade, pois já não eram mais necessárias para os Jogos, pois todos jogavam pelo prazer de jogar e não se importavam se teriam recompensas doces ao final do Jogo, compreenderam que “o jogar por jogar” era a recompensa.

Os exercícios propostos em sala de aula foram uma adaptação de Jogos propostos no Livro de Augusto Boal que usei como referência para desenvolver este estágio. Dividi os exercícios da seguinte forma:

1- Aquecimento vocal

Trabalhamos o Jogo de Blablação que consistia em uma língua imaginária onde todos inventavam seu próprio idioma, o Jogo foi realizado com a intenção de que os alunos estimulassem a criação em coletividade do imaginário, possibilitando a ludicidade do aluno. Ao realizar este exercício fui percebendo que muitos alunos eram acanhados e desmotivados para o diálogo e para o jogo, talvez pela regra do silêncio dentro da sala de aula, bem como do estímulo a uma postura “séria” e rígida em suas carteiras, apenas escutando e absorvendo o conteúdo da aula.

2- Aquecimento corporal

Trabalhamos com exercícios de pequenos movimentos que foram realizados com os alunos sentados em seus lugares. Estes movimentos se assemelhavam aos realizados por um cardume de peixes. Os comandos referentes aos movimentos eram: levantar a mão direita, levantar a mão esquerda dentre outros.

O exercício foi realizado como objetivo de promover uma escuta do outro em sala de aula e maior concentração com as atividades educacionais. Com este exercício pude perceber de maneira mais evidente o enrijecimento da mente destes alunos, que tinham grandes dificuldades em aceitar as propostas que se mostravam diferentes do cotidiano vivido por eles.

3- Comunicar por meio das narrativas.

Trabalhamos com o improviso, onde o aluno que se sentisse à vontade poderia contar um pequeno trecho do seu dia. O exercício foi realizado com a intenção de perceber a disponibilidade de cada aluno para participar dos exercícios educacionais dentro da sala de aula e sua desenvoltura diante dos outros e coerência verbal. Este exercício me possibilitou conhecer um pouco melhor estes alunos, através dos relatos eles traziam as vivências dos seus dias de uma forma espontânea.

4- Iniciação a expressão corporal

Trabalhamos com expressões faciais de tristeza, felicidade, raiva, ironia e desprezo, sendo que a movimentação em sala de aula tinha que ser bem reduzida, pois no espaço havia cadeiras e mesas dificultando movimentos amplos.

Estes exercícios foram realizados com a intenção de que os alunos percebessem e/ou usassem as mudanças de intenções durante os Jogos e exercícios psicopedagógicos em sala de aula. Neste exercício tive a oportunidade de ver muitos alunos sorrirem e brincarem uns com os outros, sem se importarem com possíveis críticas, no sentido de estarem agindo como bobos ou ridículos. Foi possível perceber várias ações espontâneas e generosas, que tinham o intuito de fazerem os outros sorrirem, como se em um simples gesto pudesse mudar todo aquele ambiente escolar.

Percebi que logo no primeiro dia, em que entrei na sala de aula, foi o momento em que burlei as regras. Nos preparamos e nos cercamos de cuidados, fazemos as coisas esquematizadas e calculadas para não ter erros e situações inesperadas, porém em determinado momento, nos deparamos com o inesperado e temos que usar de todo o conhecimento que adquirimos como bagagem nas nossas vidas, em busca de uma solução viável e rápida para o problema apresentado na situação vivida.

Me recordei de uma passagem do livro de “Pedagogia do Jogo teatral - uma poética do efêmero” de Carmela Soares (2010), na qual autora fala sobre alterar o plano de ensino em função do instante presente da sala de aula:

Durante as aulas tento tirar proveito de todas as informações, colocações ou brincadeiras que os alunos expressam. Quando isso ocorre sinto que estou sintonizada com a turma e tenho como guia a intuição e o espírito da improvisação. Se necessário, abro mão de todo um planejamento anterior de aula para dispor apenas do que acontece no momento, sem, no entanto, me esquecer dos objetivos e conteúdos da linguagem artística. Ao adotar este procedimento percebo que a aula transcorre de forma dinâmica e prazerosa. Estamos todos no jogo e o processo que daí transcorre é rico e criativo, construído no contato e na comunicação viva entre os alunos e eu. (SOARES, 2010, p. 97)

Embora haja distância entre o que narrei e a citação acima, ainda assim julgo que esse “instinto” de se adaptar ao instante presente da sala de aula tenha alguma semelhança, de modo que o que ficou para mim é a importância de estarmos atentos à sala de aula, com a escuta aberta para que tenhamos uma reação assertiva, construindo e fortalecendo as relações entre conteúdo, Professor e Alunos.

TRABALHANDO A ADAPTAÇÃO “PIQUE-PIQUE”

Aos poucos fui me desfazendo dos exercícios de “aquecimento vocal e corporal”, “comunicação por meio das narrativas”, “Iniciação a expressão corporal” e foquei apenas na adaptação da sequência de ensaios “PIQUE-PIQUE” do livro “ 200 exercícios e Jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro”.

Foi elaborada uma adaptação para a realidade da sala de aula da seguinte forma: dividimos a sala em dois blocos, denominada equipe A e equipe B. Foi solicitado aos alunos que escrevessem palavras aleatórias que fizessem algum sentido na vida deles e colocassem dentro de um saco de pano. E em seguida foram escolhidos um grupo de quatro alunos de cada equipe para ir à frente da sala. Cada grupo poderia tirar um papel do saco de pano alternadamente e a cada papel que era tirado, o grupo tinha que desenvolver uma problematização cenicamente da palavra retirada para o outro grupo que deveria responder cenicamente e sem respostas evasivas. O aluno tinha que fazer o personagem com expressão e voz diferente, como o imaginasse em sua mente. Sendo que a qualquer momento os Jogadores poderiam ser trocados, os alunos que compunham a torcida poderiam levantar a mão e pedir para ocupar o lugar do Jogador.

O exercício foi realizado com a intenção de gerar debates e reflexões sobre questões que os alunos trouxessem nas palavras escritas e que colocaram dentro do saco de pano. Sendo que este aluno não precisava se identificar para os outros, a fim de não promover constrangimento ou causar desconforto da realização de perguntas diretamente para os grupos durante a ação do Jogo.

Durante esta atividade, o Professor supervisor e eu intervíamos como mediadores fazendo a função do Curinga³.

Esta atividade foi selecionada por ser uma forma eficaz e dinâmica para trabalhar com os alunos como é dito pelo próprio Augusto Boal.

³ Os facilitadores das técnicas de Teatro do Oprimido, o denominado curinga, desempenha um papel liminar, lidando com assuntos político-culturais e estético - artísticos. E o curinga quem faz a mediação adaptando o arsenal de técnicas do TO as suas necessidades específicas. Coordenando estas as oficinas e as apresentações de teatro-fórum. O “Curinga” é um artista com função pedagógica das práticas destes estudos e pesquisas. Poder-se-ia definir Curinga como especialista em constante processo de aprendizagem das técnicas que compõem a Árvore do Teatro do Oprimido.

Estes ensaios servem principalmente para desenvolver a rapidez dos atores, a sua capacidade de mudança brusca de emoção ou de personagem, dando-lhe uma maior flexibilidade física, mental e emocional, maior concentração e atenção”. Quanto mais difíceis são as condições para o trabalho do ator, mais rico se torna o seu desenvolvimento. Estes ensaios são absolutamente necessários para os espetáculos que utilizem o sistema “coringa”, (BOAL, 1982, p.121)

Este exercício adaptado do livro de Augusto Boal foi a forma que encontrei para jogar com o sistema, me adequando as exigências de nomenclatura e direcionamentos didáticos que se integrassem e conversassem com o projeto pedagógico educacional.

Percebi a potência deste Jogo dentro da sala de aula quando os alunos começaram a esperar ansiosos pelas aulas.

Os alunos começaram a fazer imitações quando falavam ou criavam no improviso, personagens da problematização dos Jogos teatrais e expressavam os sentimentos das suas palavras, suas emoções e desejos.

Também utilizamos este Jogo como estimulador de debates políticos e ideológicos. Surgiram várias ações cênicas interessantes, significados e questionamentos capazes de proporcionar um posicionamento crítico sobre vários temas que fazem parte do cotidiano vivenciado pelos alunos. Alguns temas abordados em de sala de aula, foram:

- Racismo: mesmo que a maioria dos alunos daquela escola fossem negros, ainda assim, era possível perceber uma valoração a conceitos de uma lógica burguesia, branca e eurocentrada, de modo que em alguns momentos eles repetiam falas de cunho racistas e ofensivas. Na mesma medida, surgiam por partes de alguns alunos questionamentos sobre falas e posturas racistas.
- Religião: devido às várias crenças existentes no âmbito escolar estes assuntos surgiram em diversos debates, onde percebi os vários pertencimentos em diferentes religiões, doutrinas cristãs ou de matrizes africanas e o preconceito criado pelo imaginário coletivo da população
- Feminismo: era visível a objetificação da mulher e também a consgtrução de um olhar sobre a mulher como uma figura frágil e menos capaz. Porém haviam muitas alunas que se posicionavam constrárais estas visões machistas e promoviam uma mudança de perspectivas nos debates.

- Machismo: este foi um tema difícil de trabalhar, pois muito alunos no ambiente escolar não percebiam suas atitudes como machistas, e sim como atitudes normais e cotidianas. Desenvolver o olhar crítico para hábitos culturalmente enraizados foi uma das maiores dificuldades que tive, pois muitos daqueles alunos não aceitavam que existia o machismo dentro da sala de aula, e ignoravam as situações vividas encarando as como normais.
- Política: muitos dos alunos diziam que não gostavam de política e que esta não fazia diferença em suas vidas. Eles não se percebiam como seres políticos, e não percebiam as mudanças que as políticas governamentais impactam suas vidas.
- Gêneros: percebia que este era um assunto tabu. Ao abordar a noção de gênero poucos eram os questionamentos e em sua maioria os discursos apareciam em tom de ironia, camuflando medos e insegurança. De certa forma eles se esquivavam dos questionamentos e críticas, como se a noção de gênero não tivesse relações com suas vidas. Sempre quando este surgia rapidamente os próprios alunos mudavam de direção em pleno debate, mas mesmo assim vi que muitos se questionavam sobre seu posicionamento neste o assunto.

Nestas ocasiões percebi muitos fatores correspondentes ao e Teatro Fórum⁴ como: a mudança dos personagens, a interferência do público nas ações propostas, o coringa feito por mim nos direcionamentos cênicos, a visão das pessoas que chegavam repentinamente em sala de aula, como a diretora ou outros funcionários que perguntavam, por que os alunos estavam discutindo e se nós não iríamos intervir na situação. Pois, por serem questões reais vividas por aqueles alunos da escola Estadual Boal Vista se tornaram muito importantes, como um verdadeiro Teatro da vida real.

Os alunos já não jogavam por doces, mas sim por compreensões, posturas e posições sócio-políticas e ideológicas, era visível o prazer pelo Jogar. Os Jogos tinham surtido efeito nas turmas. Para potencializar a dinâmica das atividades, senti a necessidade de levar os alunos para jogar fora da sala de aula, o que não foi permitido devido a questão logística da escola. Pois a atividade precisava ser planejada com antecedência, sendo que não poderia haver barulho que

⁴ Teatro-Fórum: uma das principais formas do TO, é necessário construir um Modelo – cena ou peça – intencionado a ensaiar ações concretas na vida social, produzir mudanças, transformações. Esse Modelo deve ser escrito (ou provado) coletivamente, pois deve representar o pensamento, a necessidade e o desejo do grupo ou de sua classe. (Boal, 2009, p.163)

atrapalhasse as outras turmas. As vezes temos que acatar as regras do Jogo para continuar na partida e tentar em uma nova oportunidade.

A DESPEDIDA DO JOÃO E A RECEPÇÃO DA MARTA

Entre as experiências vivenciadas durante o período de estágio, no segundo mês o Professor JOÃO teve que ceder o cargo para uma Professora que havia sido nomeada em virtude de aprovação em concurso público e se tornara efetiva na regência de aulas de arte da Escola Boa Vista. Foi uma mudança com impacto muito abrupto para os alunos, pois o Professor JOÃO era muito querido e estava trabalhando na escola há vários anos. Fato que também me afetou diretamente, pois já estava na metade do estágio.

Todos nós ficamos muito apreensivos e curiosos quanto a chegada da nova Professora e me vi passando a mesma experiência de quando cheguei à escola, só que desta vez eu me sentia sentado na carteira da sala de aula sem saber nada sobre aquela profissional que iria chegar e encontrar um estagiário em sala de aula.

A despedida do Professor JOÃO foi bem triste, pois muitos daqueles alunos já o tinham como referência nas aulas de artes. E pelo tempo em que lecionava naquela escola, já havia criado vínculos afetivos com os alunos, tanto que em conversas no recreio se falavam de boicote às aulas da nova Professora, pois os alunos estavam em sua maioria, tristes com a partida do Professor.

Quando a Professora chegou, me apresentei a ela e falei que era seu estagiário. Expliquei de onde vinha e meus propósitos naquele estágio, contei um pouco sobre o trabalho de Jogos que estávamos fazendo nas turmas e ela se mostrou muito séria, mas aberta aos questionamentos e as minhas propostas de trabalho.

Em cada sala a Professora MARTA⁵ se apresentou e foram surgindo muitas perguntas feitas pelos alunos para aquela Professora, que respondeu algumas e disse para darmos continuação às atividades já existentes e que no decorrer das aulas seria incorporado seu método de trabalho.

⁵ Estou utilizando um nome fictício para preservar a identidade da Professora.

Continuei desenvolvendo o trabalho com os Jogos e consegui alinhá-lo a forma de trabalho da Professora MARTA com a devida adequação ao seu Projeto Político Pedagógico.

TUDO SE RESOLVE NO JOGO

Dos debates que ocorreram em sala de aula através dos Jogos teatrais vou relatar os dois mais interessantes, sem esquecer da importância de todo o trabalho realizado para a minha formação.

Lembrando que, estes Jogos foram realizados através da adaptação da sequência de ensaios “PIQUE-PIQUE” do livro “200 exercícios e Jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro”.

- Criado Mudo

Em uma dessas perguntas surgiu um papel escrito “criado mudo” e justamente neste momento quem estava à frente era uma menina que já tinha uma vivência muito madura para a sua idade e conceitos à frente de sua turma. Ela explicou que não gostava dessa palavra e que a mesma a afetava e oprimia. O outro aluno disse que era simplesmente uma palavra que não tinha nada a ver: “Criado mudo! O que tem isso a ver, é uma besteira ficar brigando com as palavras.” Ela retrucou: “Você sabe de onde vem essa palavra?” A outra dupla ficou calada e logo em seguida ela continuou: “A palavra criado mudo vem da época da escravidão, quando os senhores colocavam os escravos a noite toda do lado da sua cama segurando um copo d’água, este não podia dormir, sentar ou tossir, pois não podia atrapalhar o sono do Senhorzinho! ” Ao ouvir isso, toda a sala ficou calada e pensativa. O outro grupo olhou para essa menina e chegaram à conclusão com a seguinte frase: “Que nunca mais falaria criado mudo, pois a partir daquele momento eles já sabiam o quanto era preconceituosa essa palavra! “

Vejo que quando conversamos e expomos aquilo que nos causa dor e sofrimento, temos a oportunidade de conscientizar o outro, ou seja, não podemos ter a ideia de que todos nascem sabendo de tudo, muitas vezes fazemos ou erramos por acharmos que aquela é a atitude correta ou um comportamento moral adequado.

O diálogo ainda é a forma mais eficaz de explicitar para o outro o que sentimos, quando esta aluna fala de si mesma em um Jogo teatral, ela usa primeiramente de uma grande coragem em compartilhar com a turma algo que lhe feriu.

- Feminismo

Em outra sala com o mesmo Jogo surgiu a palavra feminismo e o seu significado. Um menino entrando no personagem falou: “Ah! Este negócio de feminismo é uma coisa fora de moda. As meninas andam com short curto e uma mini blusa. Não sei o que querem! Depois falam que a gente não pode olhar. Como é que elas não querem que a gente olhe se elas estão ali de roupa curta?”. Neste momento na outra dupla uma menina respondeu: “Não é porque eu ando de roupa curta, de blusa curta que você tem o direito de colocar a mão em mim ou ficar falando, eu não te dou esse direito!”. O menino da outra dupla retrucou: “Se vocês não querem que nós olhemos, é só vocês saírem vestidas!” Neste momento a Professora MARTA entrou na frente com intuito de acabar com aquele debate falou que o menino não tinha direito de falar aquelas coisas, que ele era machista, que estes pensamentos não condizem com a época em que vivemos.

Este menino saiu do Jogo e foi sentar na última carteira, ficando um clima tenso no ar, como se tivéssemos falado algo que não deveríamos ter falado dentro de sala. Houve um silêncio, o Jogo foi interrompido e fomos para os exercícios do livro. Ao terminar a aula, este mesmo menino me chamou dizendo assim: “Professor, não entendi por que a Professora ficou tão brava. O que eu fiz de errado? Professor o que é machismo? Professor o que é feminismo?” Neste momento me senti de novo dentro do Jogo, onde não sabemos qual é a próxima Jogada, nem qual vai ser o final do Jogo, estava em uma posição que não era o meu lugar de fala. Ou talvez este fosse o Jogo a ser jogado, como poderia de forma rápida e clara responder a ele, pois tinha que ir para a outra turma. Respondi aos seus questionamentos e propus algumas considerações sobre o modo que ele pensava. O menino sorriu e me agradeceu.

Achei interessante quando este aluno disse não saber o que é machismo ou feminismo. Questiono-me sobre o diálogo com o outro, pois não devemos aceitar os preconceitos, mas sim dizer não a todas as formas e situações que inferiorizem,

oprimam ou subjuguem o outro. Assim, devemos sempre abrir uma chance ao diálogo.

Também fica evidente a necessidade de ampliarmos os debates sobre termos e noções que muitas vezes pertencem a “bolhas” trazendo um tom elitista para debates tão importantes no âmbito social.

POR UMA DOCÊNCIA QUE JOGA

A arte se faz presente em nossas vidas desde a pré-história expressando a nossa realidade e os nossos sentimentos. Uma das formas mais remotas desta expressão é o Teatro, que assim como o cinema e demais mídias audiovisuais da atualidade imitam a vida nas suas mais variadas formas.

Trabalhar artes em sala de aula, considerando um contexto geral nos proporciona a discussão acerca da sua função em nossas vidas e a sua compreensão nos traz uma infinidade de conhecimentos.

A utilização dos Jogos Teatrais no espaço educacional aflora o censo crítico, político e ético das pessoas envolvidas no processo e que se permitem jogar com o coração, sejam eles atores ou não-atores. Os Jogos Teatrais, além dos conhecimentos tradicionais, nos possibilitam principalmente a compreensão do outro e o respeito às diferenças.

Trabalhar Jogos teatrais em especial, criados por Augusto Boal, nos auxilia no combate a ignorância que nos prende ao individualismo e ao enrijecimento moral, ético, social e cultural. Fazendo assim que percamos a nossa humanidade. A educação através dos Jogos teatrais nos traz uma proposta estimuladora para a aquisição de instrumentos e conhecimentos que possibilitam libertar a nossa mente dos preconceitos culturais opressores.

Impossível se falar em práticas libertadoras sem buscar compreender o papel do Professor de artes e a finalidade da sua atuação. Cientes de que nossas palavras, gestos e atitudes são capazes de influenciar a vida dos alunos, devemos procurar manter uma postura ética e respeitosa, livre de preconceitos e que cultive valores que sejam capazes de contribuir e inspirar mudanças de atitudes e conceitos na vida de nossos alunos.

Acreditar que a educação ainda é a melhor aposta para um futuro mais próspero e humanizado, com menos desigualdades e mais oportunidades para

todos deve ser crença que norteia o ofício do Professor, deixando de lado as práticas que valorizam um sistema bancário e explorador que visa somente o lucro.

O educador tem a capacidade de mudar o mundo sempre que olhar para o seu aluno e acreditar no seu potencial, sempre que optar em ser o mediador dos conhecimentos capazes de promover mudanças contínuas, positivas e para melhor.

A escola se mostra como o espaço propício para a proliferação de ideias e atitudes que possibilitam a compreensão dos indivíduos e suas ações através das intervenções culturais, como nos diz Dayrell, um lugar de encontros:

Analisar a escola como espaço sócio-cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sócio-cultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição. (DAYRELL, 2001, p. 1)

Em inúmeras vezes nos deparamos com situações inusitadas, sejam elas criadas por nós ou já existentes dentro do espaço escolar, que criam obstáculos, intervenções e alterações, naquilo que anteriormente fora planejado pelos educadores.

Neste ponto lançamos mão do improviso, que acredito ser em seu significado a utilização de todos o conhecimento e técnicas para a solução de uma situação apresentada naquele momento específico, de modo a fazermos o imprescindível para dar continuidade ao processo pedagógico. Devido a isto se faz necessário sairmos um pouco do estipulado e do planejado ou orientado, mas sempre no intuito de alcançarmos os objetivos iniciais, ou ainda de alterarmos esses objetivos garantindo assim a qualidade da escuta para a sala de aula.

Desta forma, percebo que as vezes é necessário que nós, Professores, quebreemos ou enverguemos algumas regras do Jogo, tendo consciência da finalidade desta ação, para que possamos continuar jogando nesta arena que se chama vida. Neste sentido creio podermos pensar que essa atitude de escuta e de “desvio” caracterizem um Professor Jogador:

Embora saibamos que há regras previamente instauradas, não nos é possível nunca prever o que vai acontecer quando a partida se dá, pois, cada jogador reage de maneira distinta a cada circunstância dada pelo jogo. E, é guiado por essas regras e normas que o jogador vê a possibilidade de

descobrir-se como jogador em meio a cada jogada. Essa “descoberta” do ser jogador dá-se a partir das relações que se estabelecem dentro da própria partida disputada. (FRANÇA, 2007, p.1)

A partir das minhas experiências em meus estágios, em especial nas que relatei aqui, o que levo como aprendizado maior é essa ideia de um “Professor Jogador”, pois embora tenhamos toda uma estrutura fixa, seja ela teórico/conceitual (plano de ensino/projeto político pedagógico e etc.), físico (o espaço arquitetônico da Escola), pragmático (Séries/faixa etária/conteúdo específicos), o processo de ensino-aprendizagem é algo em movimento. Nesse sentido um Professor Jogador se torna um mediador daquilo que já está dado e dos encontros porvir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto. **200 Exercícios e jogos para o ator e o não ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sociocultural**. In: _____ (org) Múltiplos olhares sobre educação e cultura. 2ª. reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

FRANÇA, Karen Milla da Almeida. **Jogo e Linguagem**. Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano III - Número III, 2007.

FONSECA, Marília. **Políticas públicas para a qualidade da educação brasileira: entre o utilitarismo econômico e a responsabilidade social**. Cad. Cedes, Campinas vol. 29, n. 78, p. 153-177, maio/ago. 2009

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SOARES, Carmela. **Pedagogia do jogo teatral: uma poética do efêmero - o ensino do teatro na escola pública**. São Paulo. Hucitec, 2010.

Costa Lins, Maria. **Educação bancária: uma questão filosófica de aprendizagem**
Faculdade de Educação – UFRJ 2011